

O ideário contraditório da modernidade nos primeiros anos do jornal *Dezenove de Dezembro* na Província do Paraná (1854-1863): indícios para uma história das mulheres

The contradictory idea of modernity in the early years of the newspaper *Dezenove de Dezembro* in the Province of Paraná (1854-1863): evidence for a history of women

Graciele Dellalibera de Mello
Doutoranda em Educação
Universidade Federal do Paraná
gracidemello@gmail.com

Recebido em: 12/11/2020

Aprovado em: 11/12/2020

Resumo: Esse artigo visa analisar o ideário contraditório construído acerca do papel de algumas mulheres nas páginas do primeiro periódico impresso na Província do Paraná, o *Dezenove de Dezembro*, ao longo de quase uma década. A recém emancipada província, buscando modernizar sua infraestrutura e o pensamento da população, tinha nas páginas do impresso variadas concepções sobre qual o caminho a ser indicado para as mulheres trilharem. Através de pesquisas efetuadas na Hemeroteca Digital Brasileira, foram localizadas em suas páginas as colunas que traziam discussões direcionadas às mulheres e temas que as circundavam, bem como foram apontados e analisados alguns indícios de sua participação social captados na mesma fonte. O objetivo é analisar tais discussões acerca do tratamento que deveria ser dado à mulher no período, observando possíveis ambiguidades e a influência da política, da literatura, da medicina e da moda. Ainda se pontuam as ações de algumas mulheres que, mesmo em um período que as direcionava ao recato e a domesticidade, fizeram o uso de certas brechas sociais, sendo que suas ações também acabaram sendo registradas nessa fonte.

Palavras-chave: Imprensa; Modernidade; Educação feminina.

Abstract: This article aims to analyze the contradictory ideas built on the role of some women in the pages of the first periodical printed in the Province of Paraná over almost a decade. The newly emancipated province had various conceptions on the pages of the press about the path to be indicated for women to follow, as it was seeking to modernize its infrastructure and the population's thinking. By researching the Brazilian Digital Periodical Library, some posts were located on its pages that brought discussions aimed at women and themes that surrounded them, as well as some signs of their social participation were observed and analyzed in the same source. The objective of this article

is to analyze such discussions about the treatment that should be given to women in the period, observing possible ambiguities and the influence of politics, literature, medicine and fashion. The actions of various women that made use of certain social gaps are punctuated in this article, even though they lived in a time that drove them into modesty and domesticity. Some of their actions were registered in this source.

Keywords: Press; Modernity; Female Education.

Introdução

A frase “bela, recatada e do lar” assombrou as brasileiras, no primeiro semestre de 2016, estampada em vários veículos de comunicação. Tal sentença ainda hoje ecoa em diversas discussões acerca das representações sociais das mulheres. Entre apoiadoras e revoltadas um fato se fez comum, o uso das redes sociais como um *outdoor* de ideias, tidas como modernas ou não, quanto ao lugar de livre escolha de cada mulher na sociedade do século XXI.

O que nem todas sabem é que essa ideia, também tida como moderna, começou a ser discutida na imprensa do século XIX, momento em que o lugar da mulher passava a ser construído socialmente como aquele de recato e domesticidade, reflexo das teorias que diferenciavam biologicamente homem e mulher (SOIHET, 2004).

Falar de modernização é perceber o conjunto de transformações políticas, econômicas e sociais que caracterizaram os últimos séculos, sendo resultado de lutas e discussões, que antecederam a própria Revolução Francesa de 1789, contudo esse sentimento de mudança já era vivenciado anteriormente a esse momento maior de ruptura (BOBBIO, 1986). Nesse período de transformação e rompimentos com velhos preceitos, a imprensa recebe um grande sopro e são produzidos cerca de 1500 títulos novos, entre 1789 e 1800 (NOBLAT, 2002). Essa demanda na produção de impressos mostra que a sociedade moderna tornou evidente o fetichismo do *logos*, da comunicação, do discurso, ou seja, a necessidade de expressar que o pensamento deveria estar em renovação constante para acompanhar o fluxo veloz de reformas a serem realizadas (LEFEBVRE, 1969).

As rupturas, muitas vezes, são percebidas através de contradições ao que era tido anteriormente como regra vigente. Dado perceptível, por exemplo, no vocabulário utilizado na imprensa, onde buscando descrever novas formas de pensamento ainda se resvalava no

conservadorismo do período, ocasionando uma certa divergência sobre o que seria de fato novidade e/ou costume antigo nessa sociedade.

Nesse processo, a posição e o papel da mulher na sociedade também começaram a ser questionados, o que trouxe à tona uma série de discussões sobre como se daria sua participação na transformação desse antigo mundo em um mais civilizado. Tal fato é anunciado pela imprensa que se torna a principal forma de expressão e de formação da opinião pública porque não tinha concorrentes nesse período (PERROT, 1998).

De tal forma, analisar as disposições e funções das mulheres através da imprensa é ter em mente que a forma como elas eram vistas sempre variou de acordo com o período (SCOTT, 2012). O Brasil, no século XIX, teve uma produção considerável de impressos femininos e feministas, espaço marcado tanto pelas pautas de emancipação política, quanto pela manutenção da ordem vigente (DUARTE, 2017), ainda embasada pelo patriarcado, pela religião (MANOEL, 1996) e pelo determinismo biológico (SAFIOTTI, 2013). A imprensa teve então, jornais destinados às mulheres que foram elaborados por outras de seu gênero e aqueles que foram produzidos por homens (MELLO, 2018).

Muitas discussões que pendiam ao feminismo, na região do Paraná, somente teriam maior espaço nas discussões da imprensa ao final do século XIX, ou seja, após o período provincial. Tanto que numa busca pela Hemeroteca Digital, entre todos os periódicos produzidos e disponibilizados na região do Paraná, a palavra feminismo somente irá aparecer pela primeira vez em uma discussão no ano de 1893, nas páginas do jornal *A República* (O FEMINISMO, 22 de setembro, p. 1).

Entretanto, as discussões acerca das mulheres estavam presentes nos discursos, principalmente, daqueles dirigentes sociais que tiveram suas ações registradas pelos impressos. Desta forma, hoje sabemos que sua educação ocorria na família (ANJOS, 2015), com professores particulares (VASCONCELOS, 2005) ou ainda pela imprensa, se considerada numa concepção mais ampliada (PALLARES-BURKE, 1998). Está última abordagem é aquela que interessa na análise das fontes que embasam esta pesquisa. Pois, a imprensa como espaço complexo e variado de ideias, se mostrava como chave para entender a difusão de determinados comportamentos e hábitos em detrimento de outros e que variavam de acordo com o período. Portanto, visamos analisar o ideário, muitas vezes contraditório, sobre a posição e o papel da mulher em algumas das páginas do primeiro

periódico impresso na Província do Paraná, o jornal *Dezenove de Dezembro*¹ (1854), ao longo de seus primeiros anos de existência.

O periódico teve registrado em suas páginas algumas ações e ideias produzidas pelas figuras públicas do período, em geral homens, que buscando modernizar a infraestrutura e o pensamento que vigorava entre os moradores da nova província, registraram a dita história oficial. Entretanto, essa história contada pelos homens também trouxe indícios da história das mulheres, pois, muitas vezes, elas se misturavam (PERROT, 2017). Os indícios permitem analisar sistemas de pensamento, visando um entendimento acerca dos modos de vida, bem como das tradições entranhadas culturalmente (BURKE, 2004). Portanto, cabe ao historiador analisar e ressignificar tais fontes, elaborando uma nova narrativa que contemple a observação e análise da construção destes modelos sociais para as mulheres, bem como a possibilidade de apreender sua participação social, mesmo que de forma sutil, através de tal fonte.

O Dezenove de Dezembro

Em 1853, a quinta comarca de São Paulo, Curitiba e Paranaguá, ainda recebia as novidades do Brasil Império e do mundo via impressos de outras províncias. A emancipação da Província de São Paulo, sinalizou-se uma mudança nos rumos do pensamento político-social que tiveram impactos nos enunciados sobre a mulher, sua educação e instrução. Instrução que começava, timidamente, a ganhar espaço entre aqueles tidos como da elite, principalmente, em Paranaguá, que recebeu os primeiros colégios femininos particulares ainda em 1849 (MELLO, 2018).

O jornal *Dezenove de Dezembro* circulou durante 36 anos, entre 1854 e 1890. Cândido Martins Lopes, tipógrafo na cidade de Niterói, transferiu seu estabelecimento para Curitiba e fundou a Tipografia Paranaense. Lopes, era dono e editor do jornal, tendo como parceiro João Luiz Pereira que após sua morte em 1871, seguiu trabalhando para a viúva. Mais tarde, é o filho Jesuíno da Silva Lopes quem a assume².

¹ Nos anos de 1854 e 1855, foi intitulado *O Dezenove de Dezembro* e depois apenas *Dezenove de Dezembro*.

² Em 1885, Jesuíno da Silva Lopes e José F. Pinheiro, do jornal “Província do Paraná”, juntaram-se na folha diária que passa a ser designada “*Dezenove de Dezembro: órgão do partido liberal*”, o que não impediu que continuasse a publicar a parte oficial (5 de setembro, 1885, p. 1).

Em 1854, o presidente da recém criada Província do Paraná (1853), Zacarias de Góes e Vasconcelos, passou a divulgar nas páginas do jornal os atos governamentais do período. *O Dezenove de Dezembro*, que levava no nome a data da emancipação, estava alinhado com o governo que o mantinha (MIZUTA, 2013). Na primeira edição da coluna de nome *O Dezenove de Dezembro*, seu editor confirma a função de veículo oficial:

O Dezenove de Dezembro não hesita, pois, um momento na vereda que deve trilhar: o patriotismo, tanto como seu próprio interesse, traça-lhe, em alto brado, o programa [...] informar o público do procedimento do governo da província, e das diversas autoridades dela, mediante a publicação de seus atos oficiais, apontar e discutir com a devida circunspeção as medidas que mais consentânea foram ao engrandecimento da província, aceitando nesse sentido, para dar à luz da imprensa, escritos e informações de quem quer que esteja no caso de lh'os ministrar, abstando-se completamente de questões políticas [...] diz-se alto e bom som, e acrescenta-se: sem jamais esposar os interesses e desabafos de um ou outro partido na província (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1º de abril, 1854, p. 1-2).

Ele justificou sua suposta abstenção política, mesmo sendo veículo do atual governo, para que pudesse ter um “vasto círculo de assinantes” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1º de abril, 1854, p. 2). Entretanto, também alinhado ao plano do governo para modernização da região, no mesmo editorial avisa que a imprensa “[...] como todas as instituições e coisas humanas, tem um lado bom e outro mal” e no lado bom “[...] a imprensa, tomando a iniciativa do bem, discute as questões de mór interesse para a sociedade, orienta e dirige a opinião na senda do progresso e dos melhoramentos, e serve de fanal ao poder” (O DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1º de abril, 1854, p. 1). Desta forma, tentando entender o que era o bom ou o mal para o dito progresso, Lopes e aqueles que faziam uso de seu impresso apresentaram e discutiram uma série de pensamentos e ações sociais, que englobavam as mulheres, nesse primeiro momento de elaboração da modernização da Província do Paraná.

Em 1854, era publicada uma edição semanal aos sábados, no ano de 1855 ela saía às quartas e em 1857, passou a ser publicado às quartas e aos sábados. Os artigos, em geral, não traziam assinaturas ou se traziam eram abreviadas, já aquelas vindas do governo eram assinadas pelos políticos do período. O periódico contava com 4 páginas divididas em: “Parte oficial”, editorial “O Dezenove de Dezembro” e os “Anúncios”. Verificaram-se colunas esporádicas que mais tarde vieram a se fixar definitivamente, como a “Editais”, com comunicados do governo tal como

concursos, e a “Publicação pedida” com assuntos variados. O jornal ainda trazia dados de audiências de todos os órgãos governamentais, a partida e a chegada dos correios.

A “Parte oficial”, organizada de forma a trazer informações sobre os atos políticos do governo provincial e imperial à população da nova província, se mostrou profícua quanto às estratégias de construção de comportamentos a partir dos direcionamentos sociais escolhidos para as diferentes parcelas da população a fim de “[...] servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1998, p. 46).

Na edição de número cinco, apresentou-se a coluna de literatura, a “Folhetim”, que trazia romances e textos úteis e divertidos (MIZUTA, 2013). Em 1855, é criada a “Variedades” ou “Variedade” que apresentava textos orientados por preocupações de ordem instrutiva ou moral (CAROLLO, 1980). Esta coluna não era contínua, nem assinada e, em sua maioria, trazia trechos de artigos de outros jornais. Dentre seus variados temas: despotismo, a cultura do trigo, a condição da mulher em outros lugares do mundo, a origem dos brasões das armas, a influência do jogo na vida da população, entre outros. Assim, o periódico sofreu alterações quanto a suas colunas ao longo do período em que foi produzido³.

Para tanto, pesquisando a incidência do termo mulher no periódico, através da busca da Hemeroteca Digital, fomos delineando as colunas onde este aparecia com maior frequência, de forma a relacionar os assuntos que se conectavam à elas. Em algumas colunas o termo era mais frequente no período em que estamos analisando e em outras apareciam esporadicamente.

Assim temos as mulheres aparecendo como parte das discussões do progresso da Província do Paraná na coluna “Parte oficial”, “Variedades”, “Folhetim” e nos “Anúncios”.

As mulheres na literatura

O *Dezenove de Dezembro* não era um periódico feminino, como outros títulos que circulavam no período pelo território brasileiro. Entretanto, ele trata em muitos momentos de questões

³ Na década de 1860 se verificam ainda a “Resenha Hebdomadária”, com discussões políticas de ordem nacional, “Transcrição” com trechos extraídos de outros jornais e tratando de assuntos variados, em geral de ordem moral. Ainda se notam, vez ou outra, a “Comunicado”, a “Crônica Judiciária” e “Teatro de Variedades”. Na década de 1870, assuntos internacionais tem vez na coluna “Exterior”, assuntos do cotidiano da província aparecem na “Noticiário” e na “Avisos” há publicidade do comércio. Na década de 1880, aparece a “Crônica teatral” e além da “Folhetim” temos a excepcional “Literatura” que trouxe dois textos de José de Alencar, “Cinco Minutos” apresentado em onze edições (1884) e “A Viuvinha” em treze edições consecutivas (1885).

pertinentes a este público. Assim, a palavra mulher aparece somente na 7ª edição do periódico, na coluna “Folhetim”, portanto ligada a literatura.

Tratava-se da continuação de uma história, assim seguimos até encontrar o início de *Colomba. Romance da Córsega* (1840), do francês Prosper Merimee, na edição de número 2. Na história, miss Lídia viajava para Marselha com seu pai a fim de conhecer, “antiguidades novas, para à sua chegada alegrar os seus doutos compatriotas” (1854, p.1). Em sua aventura, narrada em 7 edições⁴ e sem finalização, somos apresentados à alguns hábitos que se relacionavam a uma classe de mulheres mais abastadas.

Lídia teve a experiência de passar por lugares relacionados a cultura. Tentando guardar para si uma lembrança da viagem, fez um desenho:

Um delicado esboço da porta pelágica ou ciclope de Ligni, tirado por ela, e trazido com todo o cuidado na persuasão de que escapará ao olho voraz dos pintores, aparece-lhe de repente no álbum de lady Francis Fenwick, entre um soneto côxo e uma flor seca. Iluminada, para maior opróbio, a maldita porta ciclope com a mais bárbara prodigalidade de roxo-terra!...Miss Lidia deu o seu esboço de presente à criada grave [...] (COLOMBA, 8 de abril, 1854, p. 1).

Na volta para casa, descobriu que não era a única que tivera tal ideia, sua amiga Francis também havia registrado com muita qualidade o mesmo ponto. Ambas visitaram as antiguidades de Marselha, cultivaram o hábito de desenhar e conheceram a escrita mais livre em relação aos sonetos (OLIVEIRA, 2017). Hábitos culturais dirigidos a uma classe de mulheres que tinha tanto tempo, quanto dinheiro para cultivá-los, a fim de abrihantar as conversas no círculo de pessoas ilustradas, como registrado em relação a miss Lídia.

Assim é que a literatura do período também delineava modelos sociais que as mulheres deveriam seguir (VASCONCELOS, 2013). Havia até mesmo alguns tipos de literatura indicados para a instrução destas moças, onde incluíam-se “Fenelon, Rousseau, Mme. Beaumont, Mme de Genlis e Mme. de Remussat” (VASCONCELOS, 2005, p. 186).

Tal literatura é citada na abertura da coluna “Variedades”, onde se utiliza um trecho do conto de fadas, “O príncipe espiritual”, de Madame Leprince de Beaumont.

⁴ Edições 02, 03, 04, 07, 09, 13 (1854).

*J'aimerais mieux cent fois épouser une femme plus laide que moi, si cela était possible, que une stupide, avec la quelle je ne pourrais avoir une conversation raisannable*⁵. (A EDUCAÇÃO DAS JOVENS, 27 de agosto, 1856, p. 1)

A matéria é intitulada “A educação das jovens” e trata de discorrer sobre sua educação física e moral no país. A coluna não é assinada, podendo se tratar de uma cópia de outro jornal. Entretanto, na referência inicial, dirigindo-se ao belo sexo, parece fazer menção a escrita de um homem que, por sua vez, dita algumas regras sociais às leitoras:

I - Enquanto outros dirigem ao belo sexo os seus álbuns galanteadores, o elegante figurino de Paris, algum número da graciosa Marmota⁶ ou do Correio das Modas⁷; enquanto alguns espíritos se entretêm com chascos, epigramas, farsas indecentes, e até com peneiras nos olhos também; nós tomaremos outro turno; trataremos da – educação das jovens. O hábito de encarar a mulher como um ser antes digno de lástima do que de respeito, é velho. Não é maravilha que, no Brasil, se encontre em tão grande atraso a educação do belo sexo. Os regulamentos do governo sobre a instrução primária das meninas são eminentemente desprovidos de medidas tendentes a melhorar a sorte delas. Além de se não encontrar, fora das casas de caridade ou filantrópicas, estabelecimentos públicos de educação que admitam educandas internas, algumas escolas entretidas pelo governo dão apenas uma instrução que fica abaixo da medíocre! É tempo de dotar-se o país com estabelecimentos públicos mais regulares, destinados à grande metade do gênero humano. (A EDUCAÇÃO DAS JOVENS, 27 de agosto, 1856, p. 1).

O autor evidencia que tem como foco a discussão da educação das mulheres e não apenas a distração, tratando de se diferenciar dos demais periódicos destinados as mulheres. Assim, no restante da matéria que está dividida em duas colunas, ocupando o espaço de uma página inteira, ele descreve em VII partes o que deveria ser considerado importante frisar sobre sua educação.

IV – Aprendemos muito de nossas mães, pouco de nossos pais, tudo de nossos preceptores. [...] Feliz o mancebo ou a donzela quando sabe aproveitar-se dos desvelos de uma mãe discreta, das práticas de um pai austero, das doutrinas de um preceptor ilustrado! Há muito pouco, entretanto, reduz-se os preceitos de uma educação. Requer-se, para o físico, saúde e força. Para o moral, os dotes do coração. Para o intelectual, espírito vivo, juízo reto e atilado, linguagem pura. O que ganhará com isso uma menina? O seu maior tesouro que é – a estima dos homens. (A EDUCAÇÃO DAS JOVENS, 27 de agosto de 1856, p. 2)

⁵ “Eu preferiria uma centena de vezes casar com uma mulher mais feia do que eu, se possível, do que com uma estúpida, com quem eu não poderia ter um conversa razoável”. (tradução livre)

⁶ Jornal de variedades fundado pelo tipógrafo e editor Francisco de Paula Brito, em 1849 e seguindo até 1861, no Rio de Janeiro. Dentre seus assuntos a literatura, a moda, partituras musicais e assuntos relativos à moralidade (SIMIONATO, 2009).

⁷ Periódico feminino de origem lisboeta (1807, Lisboa) e que teve uma versão editada no Rio de Janeiro (1852-1854), que buscava orientar as leitoras acerca de maneiras de agir da mulher (CRUZ E SENA, 2012). Trazia em suas páginas figurinos de moda, literatura, anedotas, entre outros assuntos de entretenimento.

O autor apresenta as chaves daquilo que acredita ser o necessário para a educação feminina. A educação física ou higiênica e a moral ou intelectual, ou seja, seu corpo e mente deveriam ser educados em prol do desenvolvimento da família.

Para que haja bons cidadãos, cumpre que haja boas mães de família. É, pois, mister que, desde os tenros anos, aprendam a inspirar aos filhos o amor às instituições e às virtudes que as mantêm. Para formar-se os costumes, importa saber desde o berço que a sociedade exige de nós obrigações, dando nos em recompensa certos direitos. (A EDUCAÇÃO DAS JOVENS, 27 de agosto de 1856, p. 2)

Assim, as mulheres são chamadas a ajudar na modificação de costumes presentes nessa sociedade, inculcando-lhes certas regras sociais que estas precisavam aprender também.

Portanto, começa a ser necessária a ampliação da, então, pequena rede de instrução pública ofertada ao gênero feminino que contava com apenas 1 cadeira do sexo feminino em Paranaguá no ano de 1853. De tal forma, o presidente da província, Zacarias de Góes e Vasconcellos, demonstrou sua preocupação com a educação feminina e em 1854 se encontrava nas páginas do *Dezenove de Dezembro* um edital para suprimento de cadeiras da instrução pública feminina (COLIN, 8 de abril, 1854, p. 4).

Por ordem de S. Ex. o Sr. conselheiro presidente da província fica aberto o concurso para o provimento da cadeira de primeiras letras do sexo feminino das vilas de Castro, Guaratuba, e Príncipe, que se acham vagas. As pretendentes deverão apresentar seus requerimentos, com os necessários documentos, n'esta data, a fim de lhes ser marcado em tempo o dia do exame. – Secretaria do governo do Paraná em 7 de abril de 1854. Augusto Frederico Colin, secretário de governo. (COLIN, 8 de abril, 1854, p. 4)

A infraestrutura e a economia da capital, Curitiba, eram pouco desenvolvidas se comparadas à São Paulo e à corte. Paranaguá, era a outra cidade que desejava ser capital já que mantinha a rede das famílias mais abastadas da região. Dentre estas, algumas tinham fonte de renda ligada ao cultivo da erva-mate e ao comércio, dada sua ligação estratégica em um porto (ALVES, 2016). E alguns tinham renda do tráfico ilegal de escravizados (ALVES, 2017).

De tal forma, a modernização da infraestrutura e de hábitos e costumes dos moradores da província eram um ponto crucial para o aceite das novas instituições estabelecidas e suas leis. No entanto, o que significava modernizar os costumes em relação às mulheres?

Mulher: nem anjo, nem demônio

Percebe-se que não havia um consenso acerca de tal assunto, no entanto, conseguimos visualizar algumas discussões que pareciam ter um cunho moralizante em relação a um tratamento mais moderno para com as mulheres. Em quem se baseavam para delinear tais comportamentos? Algumas pistas são encontradas no discurso ambíguo da coluna “Variedades” (1858), permeado de incertezas acerca dos rumos que deveriam ser tomados em relação ao Outro, ou seja, a mulher.

Assim, um longo texto, assinado simplesmente por “Patria”, se iniciou em 09 de outubro, continuou no dia 20 e foi finalizado em 23 do mesmo mês. O artigo do dia 20 trazia o título “Considerações sobre a mulher – definição física” e apresentava as semelhanças, corporal e psicológica, do homem e da mulher sendo que o corpo ou “a máquina” teria sido arquitetada da mesma forma e com peças e funções iguais (PATRIA, 20 de outubro, 1858, p. 3). Ainda se discute que não haveria nenhuma diferença na cabeça de ambos, entretanto, no mesmo texto o autor evidencia algumas ideias que seguem por um caminho oposto:

O homem tem mais energia, coragem e egoísmo[...] espírito mais produtivo, mais reflexão e reserva [...]. Ella é mais terna, sensível, tímida e vaidosa [...] supersticiosa e mais tendente aos sentimentos de prazer e pena. Dotada de mais imaginação e artista por natureza [...]. (PATRIA, 20 de outubro, 1858, p. 3)

A contradição está presente na fala, anunciando primeiro a igualdade da mulher ao dizer que são dotadas das mesmas qualidades que os homens e depois as diferenciando em alguns requisitos. Portanto, segundo o autor, elas teriam mais imaginação e sensibilidade, ao mesmo tempo em que insinua que a mulher não era dotada das características assinaladas como masculinas, dentre estas a coragem.

Essa ambiguidade seria própria da modernidade, pois, as ideias buscavam o novo, porém ainda estavam conectadas com o antigo, seria um período em que se vivia no paradoxo e na contradição, tendo características revolucionárias e conservadoras que conviviam simultaneamente (BERMAN, 1986, p. 8-9). Contudo, não podemos esquecer que essa diferença biológica era endossada pela medicina do século XIX que pontuava como características femininas, “[...] a fragilidade, o recato e o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais”, assim como o predomínio da maternidade no que tange à sexualidade (SOIHET, 2004, p. 15).

O texto da coluna “Variedades” trazia uma dupla crítica a forma de tratamento dado à mulher, primeiro por poetisas e depois por povos, tidos no discurso, como bárbaros. O autor reconsidera a ideia do “belo sexo”⁸ ter sido considerado uma “obra prima da criação” ao mesmo tempo que nos mostra sua indignação com a forma de tratamento dado às mulheres em algumas regiões do mundo. Pela indicação do texto, o autor considerava que o tratamento dado à mulher na sociedade paranaense e/ou brasileira já era mais civilizado em relação aos demais citados (PATRIA, 20 de outubro, 1858, p. 3).

Esse mundo civilizado se daria em comparação àqueles outros que não atingiram tal privilégio, aludindo ao conceito de progresso único e universal da modernidade (KOSELLECK, 2012) e que hoje sabemos não ser tão uniforme e sim diverso, instável e de múltiplas interpretações se pensados a partir da pós-modernidade (EAGLETON, 1996).

Porém julgamos não viver nos séculos quinze e dezesseis, em que os grandes panegiristas Valério Máximo, Jacques Brantome, Plutarco e muitos outros encheram a França, Itália e Espanha de obras volumosas sobre mulheres virtuosas, fazendo crer da mesma sorte que as poesias italianas, romances franceses e espanhóis, que a mulher era um prodígio de perfeições, um aborto de beleza e uma divindade em vez de uma mulher honesta e virtuosa. [...] Eis porque não admitimos que a mulher em geral seja considerada um anjo: é ser demasiadamente injusto. Da mesma sorte reprovamos a barbaridade com que é tratada ainda atualmente na Tartária, em que vive presa por uma corrente; na China em que se lhe quebram os pés [...]. Está, portanto, demonstrado que não adoptamos o privilégio da força, mas sim o do direito; não professamos as doutrinas dos povos em que domina o paganismo, e abolindo o direito de vida e morte que entre eles o homem tem sobre a mulher [...]. (PATRIA, de 20 de outubro, 1858, p. 3)

O autor parecia não aceitar a ideia da mulher como um ser de perfeição, pelo qual homens enfrentaram até guerras, este preferiu sugerir que lhes seria útil a honestidade e a virtude. Ficou evidente seu incômodo com autores que ousaram delinear a mulher como ser estrategista, superior ao homem ou que “tentaram sustentar a superioridade do sexo sobre o nosso no que diz respeito à nobreza, coragem, talento, força e mais ainda tato e tino político” (PATRIA, 20 de outubro, 1858, p. 3). Acreditava que as mulheres não deveriam ser tratadas de forma cruel ao mesmo tempo que

⁸ “A “idolatria do belo sexo” apenas iniciou com a divisão social entre classes trabalhadoras e ociosas: estas últimas puderam dedicar-se à práticas da beleza. [...] Temos, assim, inaugurada a modernidade e o ideal do “belo sexo”, ou “a continuação da dominação masculina e da negação da mulher por outros meios”, pois este ideal de beleza a tornará mulher-objeto e em nada acrescentará em termos de direitos a ela devidos. Com diz Lipovetsky, “aos homens a ciência e o poder (lembramos do “saber é poder” de F. Bacon) e às mulheres a ignorância e a submissão alcançadas através da domesticação estética”. (TIBURI, 2002)

deveriam aceitar a direção e proteção dos homens, fator que ainda as deixava praticamente na posição de tuteladas.

A virtude era um requisito imprescindível como qualidade feminina, mas não apenas ela. A mulher deveria ser virtuosa, honesta e asseada, deveria “impressionar, atrair, e subjugar a imaginação e o coração do homem” (PATRIA, 20 de outubro, 1858, p. 3).

Segundo Oliveira e Zica (2015), virtude tem origem latina e estaria ligada ao apreço que os romanos tinham pelo universo masculino, sendo que em Plutarco, poeta citado como um dos autores que construiu a imagem das mulheres como virtuosas:

A virtude é vista como única, pois se entende o conjunto das virtudes cardinais como algo unitário e, é a mesma porque tanto homens como mulheres podem dar demonstração de sua excelência. O que devemos lembrar é que dentro dos limites e das funções socioculturais do período em questão, a posse das mesmas gera comportamentos determinados: a mulher pode demonstrar sua temperança através de sua simplicidade no modo de vida [...]. Já o homem se mostra corajoso, quando enfrenta a luta e derrota o inimigo ou exerce sua sabedoria quando sabe ser comedido em relação ao luxo (SILVEIRA, 2006, p. 121-122).

Assim, a virtude para o homem teria ligação com ações praticadas no espaço público e a virtude da mulher estava relacionada com aquela realizada no âmbito familiar e privado, segundo nosso autor.

Um novo modelo de comportamento feminino começava a ser delineado pelos homens que estavam a cargo das matérias no jornal e, mesmo incitando dúvidas e contradições entre os próprios escritores, tal exemplo foi propagado entre seus leitores.

É perceptível que o próprio escritor do texto se confundia sobre o tratamento que se devia dar às mulheres, assim tentou refletir sobre como tratá-las, amparando-se no que já havia sido escrito anteriormente, filosofando sobre o certo e o errado e sobre mulheres que foram representadas na literatura, por exemplo.

A reflexão, estendida por três edições do jornal, deixa transparecer seu foco ainda no início da matéria, em 9 de outubro de 1858:

[...] muitos escritores a tem pintado como um anjo e outros como um demônio, não se deixando com tudo de encontrar sempre o fundo da verdade em qualquer das duas opiniões. Não admitimos, porém, que um homem de letras tratando de

um campo tão fértil como este, sobre o qual escrevemos, encare a mulher como a pior coisa do mundo [...]. (PATRIA, 9 de outubro, 1858, p. 2)

Ao discutir a questão de que a mulher não era nem anjo, nem demônio, o escritor explicitou que buscava respostas para as contradições que ele mesmo estava a explicar. O tratamento dado ao gênero feminino deveria ser equiparado ao projeto de modernidade requisitado na Província do Paraná e tais questões estavam a ser analisadas por mais ambíguas que parecessem.

O delineamento do corpo feminino como modernizador de hábitos

Outra referência as mulheres têm relação com a moda e aparece ainda no primeiro ano do *Dezenove de Dezembro*, num anúncio da loja de Tibúrcio Borges e Carneiro que traziam do Rio de Janeiro “[...] um completo e grande sortimento de fazendas modernas riquíssimas, que venderão por preços muito cômodos, em razão de terem sido compradas em casas inglesas”, além de variados itens do vestuário feminino representados em litografia: sapatos, chapéus, flores e as luvas de *Jouvin* (BORGES; CARNEIRO, 8 de julho, 1854, p. 4). Estas últimas eram feitas a partir de uma matriz precisa de corte que permitia uma adequação maior a cada comprador (PAIVA, 2014).

Imagem 1: Anúncio da loja de BORGES & CARNEIRO, 1850.



Fonte: Jornal Dezenove de Dezembro.

Na imagem, podemos ver alguns dos itens citados no anúncio e que tratavam de disseminar novos costumes entre a população. Expostos no cesto e ao chão, tecidos e o que parecem partes de

vestidos com rendas nas pontas, nos expositores da esquerda temos um chapéu, um lenço rendado e que poderia ser montado por cima do peitilho que está logo à sua frente. Ao lado direito do cesto, outro chapéu ou touca aparece à mostra, ao seu lado o que nos parece ser um *pannier* que era um dos aparatos que dava volume as saias e tinha influência dos hábitos europeus trazidos com a corte portuguesa (SANTOS, 2015).

Na edição 19, o autor Americus apresentou na coluna “Folhetim” a chamada Revista Mensal com assuntos variados acerca da política e de costumes locais, de outras províncias e até mesmo internacionais, como de algumas disputas que envolviam a Rússia. Contudo, o tema da coluna era o progresso da província delineado através dos velhos e novos hábitos da população. Americus celebrava a instalação da primeira assembleia provincial do Paraná e os atos do presidente que: “[...] saudando esta brilhante época da nossa vida política, como a aurora da civilização do país, trazia um relatório com as necessidades da província e sugeria os meios para alcançá-los” (1854, p. 1).

O autor continuou a comemorar o “passo dado de um povo moderno” apontado as mudanças ocorridas através das vestimentas da população:

Lançai distraidamente os olhos para a nossa capital de hoje, e comparai-a com a Curitiba d’outrora, e vereis a verdade do que levamos dito a popular de todos os lados. O estacionário caipira até agora constantemente escondido na crisálida do seu vasto poncho, como que rompendo com esse uso antigo de seus avós, já nem sempre assim se apresenta, como outrora, amortalhado na baeta e no pano como um urso informe (AMERICUS, 1854, p. 1).

O novo é colocado em oposição ao hábito antigo dos avós de usar o poncho ou de esconder o corpo, como diz Americus. Assim, a vestimenta da mulher também era colocada em debate, associando a moda e o corpo.

A mesma mantilha preta, pesando constantemente sobre o corpo da mulher, desde o alto da cabeça até os pés, escondendo-lhe o rosto, as formas, e dando-lhe a sinistra aparência de um besouro, já vae sendo menos usada; e esperamos brevemente ver extinto este detestável uso, que faz desaparecer, como um negro casulo, as formas, às vezes elegantes, de um corpo de mulher. E a casaca o ligeiro paletó, o chapéu de seda, as luvas de *Jouvin*, as botas envernizadas; os delicados chapéus de *blonde*, as sedas transparentes, os mateletes de variadas cores e formas; os engraçados penteados à Ziparini, à Stuart, à fantasia: tudo isto em breve dará por terra, e repelirá para o campo, para as festas da aldeia, os ponchos e as mantilhas pretas, os capotes, e toda a sua rústica comitiva. (AMERICUS, 1854, p. 1)

A moda e seus formatos, ora chamados de elegantes, ora de engraçados, pareciam ser os responsáveis por colocar os curitibanos no caminho da civilização tão sonhada pelo autor. Outro ponto por ele observado é que os novos formatos da moda deixavam o corpo da mulher mais elegantes e aparentes aos olhos, já que não utilizariam mais o manto que antes servia para esconder suas formas.

O tratamento, a posição e o corpo da mulher foram sempre alvos de disputas da sociedade. A moda, muitas vezes, andava lado-a-lado com o projeto normatizador da Igreja e do Estado, desde os tempos de colônia (DEL PRIORE, 1990).

No século XIX, a aceleração dos ciclos da moda trouxe consigo o advento da efemeridade (XIMENES, 2011). Desta forma, uma peça do vestuário feminino foi alvo de disputas e apareceu em discussão na coluna “Variedades”, na matéria “Saia-balão” (15 de outubro, 1859, p. 2). A peça levava esse nome pelo formato avantajado das laterais, ficando mais conhecida no universo da moda como crinolina⁹.

O autor da coluna, não identificado¹⁰, conta que poetas satíricos, folhetinistas e cartunistas ridicularizavam o adorno e que ele também não agradava aos homens da família das senhoras e senhoritas que a utilizavam. Apesar da imagem 1 pertencer ao “*Dezenove de Dezembro*”, nesse período ainda era muito raro encontrar ilustrações em suas páginas. Portanto, trazemos uma ilustração londrina mostrando como tal vestimenta era vista por alguns dos homens do período.

⁹ “No princípio da década de 1850, surgiram as primeiras crinolinas, feitas de crina de cavalo, que inutilizaram as várias camadas de anáguas. [...] Em meados da década de 1850, surgiu uma inovadora crinolina de armação, construída à base de oito arcos de metal ou de barbatanas de baleia. A repercussão foram os volumes incríveis que ampliaram a proporção dessas saias, que pareciam verdadeiras gaiolas ou jaulas [...]” (XIMENES, 2011, p. 59-60).

¹⁰ Constando apenas como “Extr.” ao final da matéria, acreditamos ser abreviatura de extraído.

Imagem 2: George Cruikshank para *The Comic Almanack*, 1850.



Fonte: *The Comic Almanack*. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/UF00078634/00016/22j?search=crinoline&search=crinoline>, acesso em 10/11/2020.

O desenhista George Cruikshank (1792-1878) exagerou no tamanho da saia justamente para tratar da ridicularização do costume difundido.

Já para o autor da coluna a moda servia, nesse momento, para dar uma maior liberdade à mulher:

Em suma, uma dama de braço dado é uma barcaça a reboque [...]. Era preciso livrá-las deste cativo e isentá-las desta sujeição pondo-as na rua...soltas. Não foi necessário nenhum código civil, bastou o código do bom tom, e um figurino para operar esta obra de redenção. (EXTR., 15 de outubro, 1859, p. 2)

A saia-balão tinha um caráter político de afastar os homens do lado das mulheres ou obrigá-los a lhes conduzir de forma diferenciada do que era tido como hábito na sociedade.

Essa matéria, diferente da outra, tinha opinião mais nítida quanto à posição das mulheres na sociedade e questionava o direito dos homens de intervirem na escolha da vestimenta das esposas e filhas. Não deixando de refletir sobre a metáfora de aprisionamento do corpo que a saia representava, o foco da análise recai sobre os termos que tem ligação com o discurso da modernidade: liberdade e civilização em oposição ao retrógrado, da sujeição e do poder.

Os maridos, os manos e os primos, gente insuportável, que não pode viver sem mando e poder, conspiram-se contra esta moda de liberdade, de civilização, de independência e até de regeneração (EXTR., 15 de outubro de 1859, p. 2).

Ainda havia descrita na matéria uma disputa judicial em que o marido teria pedido o divórcio a sua esposa pelo uso da saia-balão. Algumas das queixas do marido eram: que ele não andaria atrás da mulher, “[...] o que é contra o senhorio, que exerce o marido sobre a mulher” e que ela teve o atrevimento de dizer ao “[...] seu marido e senhor que a traga pela mão” (Extr. 15 de outubro, 1859, p. 2). Nos reclames do marido se percebe a revolta em aceitar as mudanças de costumes inspiradas pelo vestuário.

Percebe-se a moda como um dos elementos propulsores da discussão que, para alguns, mostrava o início da ruína do velho mundo conhecido em favor de um que assustava e prometia mudar a conhecida distribuição dos papéis entre os gêneros na sociedade.

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1982, p. 8)

Da parte da mulher e de seu advogado, estes provariam que as avós já haviam usado vestimentas similares e que isso não as tornou menos “[...] tementes a deus e seus maridos” e que o “[...] Provará, que o homem nasceu para andar atrás da mulher, e não ao lado, nem de braço dado, como pretende o autor, criatura fóssil e rabugenta como se vê, do seu libelo” (Extr. 15 de outubro, 1859, p. 2-3). Novamente, o argumento é o apego que o marido tinha aos antigos costumes e que este necessitava se libertar para aproveitar o que o mundo civilizado tinha para lhe oferecer. E a oferta não era de todo ruim se o homem não fosse antiquado, segundo o advogado da mulher:

Provará, que sendo a missão da mulher, neste mundo de delícias e encantos para o homem, de cuja sorte partilha, e cujas penas ameniza, não pode dever-lhe sujeição. Nestes termos e nos melhores do direito moderno, deve ser mantida a posse das saias armadas, e conservar-se na constância do matrimônio, sendo dispensada de dar o braço ao marido, por ser costume antiquado. (EXTR., 15 de outubro de 1859, p. 2- 3)

Ainda finaliza o autor dizendo que o caso estava para ser julgado por “[...] juiz solteiro, desses mesmos do bom tom” (EXTR., 15 de outubro, 1859, p. 3) indicativo de que o marido perderia,

tendo de arcar com as custas do processo. E nessa função educativa de formação da imprensa as novas ideias civilizadoras iam sendo disseminadas entre a população (PALLARES-BURKE, 1998).

Indícios de outras mulheres no *Dezenove de Dezembro*

Até o momento trouxemos discursos acerca do comportamento que as mulheres precisavam ter, das roupas que deveriam usar e da educação que necessitavam possuir, segundo o olhar dos outros. Entretanto, qual foi a voz ouvida destas senhoras por meio das páginas do *Dezenove de Dezembro*?

Se as senhoras da elite deveriam aprender a ler e a escrever, os anúncios de colégios particulares trouxeram a cena paranaense os nomes de algumas estrangeiras e outras conterrâneas que experimentaram ocupar espaços diferenciados. Caso de D. Carolina Taulois, esposa de um engenheiro francês contratado para trabalhar na província, e que tratou de abrir um colégio assim que se estabeleceu: “Ficou sobre a mesa da assembleia provincial, para ser lido amanhã, um projeto de lei concedendo a D. Carolina Taulois um auxílio de 600\$000 para abrir nesta capital um colégio de meninas” (POST-SCRIPTUM, 5 de março, 1856, p. 4).

O colégio foi montado em Paranaguá, cidade portuária, pela dificuldade de subir a serra do mar em direção à capital. Suas professoras, mãe e filhas, se propunham a ensinar as meninas do Paraná o necessário para os papéis que desempenhariam como “mãe de família” (TAULOIS, JEANNE, CADEAC, 02 de abril, 1856, p. 3-4). Ainda em 1856, uma de suas filhas, Gabriele Jeanne, abre o Colégio Francês em Curitiba (COLEGIO FRANCEZ, 9 de julho, 1856, p. 4). E em 1858, a francesa, Madame Mariette, também oferece seus serviços de francês e bordados às famílias de Curitiba (MARIETTE, 11 de setembro, 1858, p. 4).

Encontramos nos anúncios do impresso o pedido para ama de leite que fosse alemã (PRECISA-SE, 5 de dezembro, 1855, p. 4) e outras tantas negras que fossem “[...] forra ou cativa, que tenha bom leite e que seja asseada” (AMA DE LEITE, 14 de novembro, 1860, p. 4). Estas últimas ainda apareciam nos anúncios sendo alugadas para trabalhar em casa de família pois: “[...]sabem lavar, engomar e cozinhar e mais serviços de uma casa, sendo uma delas para ama de leite, nova e sadia” (ALUGAM-SE, 10 de janeiro, 1863, p. 4).

Assim, percebemos que havia uma diferença entre aquelas mulheres a quem se destinavam a moda, por exemplo, entretanto, a moralização dos corpos era expandida para todas as classes junto com a cobrança do corpo sadio, que ganhou maior força ao final do século XIX. As escravizadas também eram registradas como fugitivas, portanto, nem sempre passivas nesse sistema que as aprisionava, como no anúncio de Francisco de Paula Guimarães, que descrevia a escravizada crioula Amancia (16 de setembro, 1854, p. 4).

Em 1855, por exemplo, temos dois anúncios muito chamativos acerca das diferentes mulheres e dos tratamentos diferenciados de acordo com a raça. O primeiro diz respeito a venda de uma escravizada “[...] de nome Joaquina, de nação, por preço cômodo” (VENDE-SE, 18 de abril, 1855, p. 4) e o outro se trata do anúncio do *Jornal das Senhoras*: “[...] que se publica na corte, e é redigido por uma senhora. Além dos seus excelentes e variados artigos, traz sempre figurinos das modas às mais modernas peças de músicas” (1855, 18 de abril, p. 4).

Assim, nas mesmas páginas podemos encontrar esta ambiguidade de uma província que tentava modernizar sua infraestrutura e pensamentos acerca de algumas mulheres e, ao mesmo tempo, ainda mantendo o “[...] imoral tráfico de carne humana, que hoje por vergonha das vergonhas se chama lícito” (REVISTA COMERCIAL, 27 de agosto, 1856, p.1). Este último trecho foi retirado da *Revista Comercial*, de Santos, e tratava do tráfico interno de escravos na cidade de Santos, aparecendo no editorial *O Dezenove de Dezembro*.

O mercado de impressos para mulheres também pareceu favorável ao próprio Cândido Lopes que chegou a criar *O Jasmin*, destinado a recreação e educação das jovens, sem participação feminina na elaboração e do qual temos apenas 5 edições do ano de 1857 disponibilizadas pela Hemeroteca Digital (MELLO, 2018). Em seu editorial de abertura disse que trabalharia com artigos interessantes, notícias curiosas e poesias, tudo dentro do respeito “a moral e a religião”, bem como a “vida privada e o sagrado lar das famílias” e se propunha a aceitar produções literárias do público e, que de fato apareciam nas edições seguintes, sempre assinados com as iniciais dos nomes, o que não favoreceu a identificação de possíveis escritoras mulheres (PROSPECTO, 20 de setembro, 1857, p. 1).

Estes indícios mostraram que as ações das mulheres também nem sempre se encaixavam no comportamento de recato, domesticidades e de moralidade que a sociedade tentava inculcar-lhes.

Conclusão

O progresso e o mundo civilizado foram parte dos discursos difundidos na imprensa, tal qual foram usados para se pensar o tratamento dado à mulher na sociedade provincial do Paraná, logo nos primeiros anos de sua formação. Junto a elaboração de uma infraestrutura política e social, as ideias acerca das mulheres começaram a aparecer entre as páginas do *Dezenove de Dezembro*.

O discurso encontrado na imprensa se apresentou como estratégia de intermédio e adaptação do tido como novo sobre o antigo, do civilizado sobre o rústico, da moda sobre os tradicionais ponchos e mantilhas. Nesse desejo de progresso encontramos algumas características ligadas à modernidade.

Assim, a discussão sobre as funções sociais das mulheres gerou conflitos e contradições, tanto quanto foram perpassados por discussões advindos da medicina, da política, da moda e da literatura.

Porém, também foi possível perceber que muitas das ideias acerca de uma maior participação da mulher se referiam aquelas da elite e que podiam ter acesso ao aprendizado, a leitura de impressos e a moda. O que não impossibilitou a captação das ações de outras mulheres nas páginas do periódico, permitindo um contraste entre as formas de tratamento dado às diferentes mulheres inseridas nesta sociedade.

Referências bibliográficas:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Ed. Martins Fontes. São Paulo:2000.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. **Pais e filhos na Província do Paraná: uma história da educação da criança pela família**. Tese de Doutorado, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

ALVES, Alessandro Cavassin. **Políticos Paranaenses no período provincial (1853- 1889): a análise genealógica e a prosopográfica**. Repocs, v. 13, n. 25, jan./jun. 2016.

_____. **A família de Manoel Antonio Guimarães na composição do poder local em Paranaguá no século XIX**. REVISTA NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses), Curitiba, v.3, n.1, p. 209-237, maio 2017.

BERMAN, Marshall. **Baudelaire: o modernismo nas ruas**. In: _____. Tudo o que é sólido desmancha no ar. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

- BURKE, Peter. **O testemunho das imagens**. In: Testemunha ocular: imagem e história. Trad. Vera M. X. dos Santos. Bauru, São Paulo:EDUSC, 2004.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11ª e. Brasília: UNB, 1998.
- CAROLLO, Cassiana Lacerda. Apêndice. **O Dezenove de Dezembro, Nota Informativa**. In: O DEZENOVE DE DEZEMBRO Edição fac-similar – Ano II. Curitiba: Paraná - Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1980.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998,
- CRUZ E ZICA, Matheus; OLIVEIRA, Patrícia Barros de. **Notas a partir da análise do léxico sobre modernidade, gênero e educação mobilizado na Paraíba oitocentista**. In: MESQUITA, Ilka Miglio de; BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; NOGUEIRA, Vera Lúcia (org.). **Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – Séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015. V. 3.
- DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. Tese de doutorado, Setor de História, Universidade de São Paulo, 1990.
- DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação**. Revista XIX: Artes e técnicas em transformação, v. 1, n. 4, 2017.
- EAGLETON, T. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.
- KOSELLECK, Reinhart. **Modernidade – sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade**. In: Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **O que é a Modernidade**. Introdução à modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- MELLO, Graciele Dellalibera de. **As representações de gênero e a educação feminina no Paraná oitocentista (1849-1886)**. Dissertação de mestrado, setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2018.
- MIZUTA, Celina Midori M. **Informar, polemizar e denunciar: o papel educativo do jornal O Dezenove de Dezembro (1854-1857)**. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, ANPUH, 2013.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 2ª edição. São Paulo. Contexto editora, 2002.
- OLIVEIRA, Nicole Guim de. **Senhoras da palavra: a reivindicação da voz e do corpo nas obras de Maria Teresa Horta e Ana Luísa Amaral**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2017.
- PAIVA, JULIANA. **História das luvas**. Site: The Big Fashion Theory, 2014. Disponível em <https://thebigfashiontheory.wordpress.com/tag/historia/>, acesso em 05/12/2020.

- PALLARES-BURKE, M. L. **A imprensa periódica como empresa educativa no século XIX.** Caderno de Pesquisa, 1998.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Trad. Angela M.S. Côrrea. – 2ª edição, 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.
- SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. _____. Pisando no sexo frágil. In: Revista Nossa História, ano 1, n. 3, São Paulo, jan. 2004.
- SANTOS, Georgia Maria de Castro. **A estética da moda de luxo da corte portuguesa no vestuário feminino no Rio de Janeiro do início do século XIX.** Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2015.
- SILVEIRA, Mariana Duarte. **A imagem feminina na *Moralia*: heroísmo e outras virtudes.** Dissertação, Dep. De Letras, Universidade de São Paulo, 2006.
- TIBURI, Márcia. **Toda beleza é difícil.** Esboço de crítica sobre as relações entre metafísica, estética e mulheres na filosofia. In: TIBURI, Márcia./MENEZES, Magali M. de./EGGERT, Edla. (Orgs.) *As mulheres e a filosofia.* São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.
- VASCONCELOS, Maria Celi. **A casa e seus mestres: A educação no Brasil de Oitocentos.** Rio de Janeiro: Editora Gruphus, 2005.

Fontes

- A EDUCAÇÃO DAS JOVENS. **Dezenove de Dezembro**, Variedades, 27 de agosto, 1856, p. 1.
- ALUGAM-SE. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios, 10 de janeiro, 1863, p. 4.
- AMA DE LEITE. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios, 14 de novembro, 1860, p. 4.
- AMERICUS. **Dezenove de Dezembro**, Folhetim, 1854, p. 1.
- ANÚNCIOS. **Dezenove de Dezembro**, 8 de julho, 1854, p. 4.
- ANÚNCIOS. **Dezenove de Dezembro**, 5 de dezembro, 1855, p. 4.
- ANÚNCIOS. **Dezenove de Dezembro**, 14 de novembro, 1860, p. 4.
- BORGES; CARNEIRO. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios, 8 de julho, 1854, p. 4.
- COLEGIO FRANCEZ. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios, 9 de julho, 1856, p. 4.
- COLIN, Augusto Frederico. **Edital.** Dezenove de Dezembro, 7 de abril, 1854.
- COLOMBA. **Dezenove de Dezembro**, Folhetim, 8 de abril de 1854, p. 1-2
- EXTR. A saia-balão. Variedades. **Dezenove de Dezembro**, 15 de outubro, 1859, p. 2-3.
- GUIMARÃES, Francisco de Paula. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios, 16 de setembro, 1854, p. 4.
- JORNAL DAS SENHORAS. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios, 1855, 18 de abril, p. 4.

- MARIETTE, Madame. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios 11 de setembro, 1858, p. 4.
- O FEMINISMO. **A República**, 22 de setembro, 1893, p. 1.
- PROSPECTO. **O Jasmin**, 20 de setembro de 1857, p. 1.
- O DEZENOVE DE DEZEMBRO. **Dezenove de Dezembro**, 1º de abril, 1854, p. 1-2.
- PATRIA. Considerações sobre a mulher – etimologia da palavra. Variedade. **Dezenove de Dezembro**, 15 de outubro, 1858, p. 2 e 3.
- PATRIA. Considerações sobre a mulher – definição física. Variedade. **Dezenove de Dezembro**, 20 de outubro, 1858, p. 2 e 3.
- PATRIA. Considerações sobre a mulher – definição física. Variedade. **Dezenove de Dezembro**, 23 de outubro, 1858, p. 3 e 4.
- POST-SCRIPTUM. **Dezenove de Dezembro**, 5 de março, 1856, p. 4.
- PRECISA-SE. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios, 5 de dezembro, 1855, p. 4
- REVISTA COMERCIAL. **Dezenove de Dezembro**, Folhetim, 27 de agosto, 1856, p.1.
- TAULOIS, Zoé F. CADEAC, Eugénie. JEANNE, Gabrielle. **Dezenove de Dezembro**, Regulamento do Colégio, 20 de março de 1856, p. 4.
- VENDE-SE. **Dezenove de Dezembro**, Anúncios, 18 de abril, 1855, p. 4.
- 19 DE DEZEMBRO. **Dezenove de Dezembro**: órgão do partido liberal, 5 de setembro, 1885, p. 1.